Índice

Introdução 9

Uma pessimista na quadra natalícia 13
Arranjar um passatempo não é fácil 16
Memórias e autobiografias 19
As celebridades do nosso tempo 22
Envelhecer não é pêra doce 25
A Europa e eu 28
Os filhos de Bourdieu 31
Os snobes 34
O Estado-Providência: ricos e pobres em Portugal 37
Eça de Queirós em Inglaterra 40
Quantos liberais há no meu país? 43
Tenho medo da justiça do meu país 46
O fascínio pelo terrorismo 49
O pesadelo iraquiano 52
Bater nos computadores é normal 55
A questão da eutanásia 58
De criadas de servir a empresas de serviços 61
A presunção da inocência existe em Portugal? 64
Dura lex sed simplex 67
Os seguros morrem de velhos? 70
Cérebros: não são cá precisos 73

Uma proposta modesta 76
A violência na escola moderna 79
Os pais deixaram de existir? 82
A nacionalidade portuguesa 85
A globalização do futebol 88
A agenda escondida dos homens 91
Na cauda da Europa 94
Amanhã vamos ler Homero 97
O Estado-Providência e as classes médias 100
As heranças, o Estado e a liberdade de testar 103
As ruas do meu país 106
Terror em Heathrow 109
Nós, os portugueses 112
Em busca de Cesário Verde 115
Tenho vergonha de viver no meu país 118
A Doença de Alzheimer 121
O *status* dos astros 124
A Biblioteca Nacional está a cair 127
A mentira institucionalizada 130
Os médicos não obedecem às leis da nação 133
Uma tarde no Centro de Saúde 136
A declaração individual do IRS é um direito 139
O desaparecimento do limbo 142
A receita: telelixo mais publicidade 145
Salazar e os grandes portugueses 148
Os meus amigos 151
A importância de dizer não 154
O amor no século XIX 157
O véu islâmico 160
Heranças natalícias 163
O eixo do bem acabou mal 166

Uma pessimista na quadra natalícia

8 de Janeiro de 2006

O Natal é terrível para os que, como eu, tendem para o pessimismo. Se, ao longo do ano, ninguém me maça quando apareço com um semblante carregado, entre 24 de Dezembro e 2 de Janeiro, tal é visto como um ultraje à tribo. Sob a doce luz da estrela do Presépio, os irmãos deveriam reconciliar-se, os esposos fazer as pazes e as guerras civis parar. Em resumo, temos de fingir que a vida é um mar de rosas. Nada me parece mais contrário à natureza humana. Não só devido ao desprezo, embirração e ódio que cada um nutre pelo semelhante, como, e mais importante, por estarmos todos condenados ao mesmo fim, a morte.

Até aos cinquenta anos, é possível esquecer o facto, mas, à medida que avançamos na idade, a condição humana cada vez mais se torna presente. É por isso que considero ser a felicidade, e não a depressão, um estado carecendo de tratamento psiquiátrico. A beatitude natalícia leva a comportamentos tão irracionais como comprar presentes de que ninguém gosta, comer coisas que detestamos e sorrir para parentes cuja existência não recordávamos. Há dias, ao ver os milhares de espanhóis que, à minha volta, se tinham juntado na Plaza Mayor, em Madrid, exultando de satisfação entre gigantescos sacos contendo brinquedos inúteis, senti

orgulho ao recordar o olhar melancólico dos meus compatriotas. Só um povo maduro, como o português, sabe o que custa a vida.

Imagino que haverá quem me venha dizer que a tristeza faz mal à saúde. De facto, há estudos, realizados na Pátria Suprema do Optimismo, que vão nesse sentido. Baseada em experiências com ratinhos, uma recente investigação, feita na Faculdade de Medicina da Universidade de Rush em Chicago, concluiu que quem alberga emoções negativas tem duas vezes mais probabilidades de vir a sofrer da doença de Alzheimer do que os que olham o mundo de forma «positiva». Pena é que a revista não explique como foram analisadas as emoções dos animaizinhos revelando «tendências neofóbicas», uma vez que não me parece crível terem eles capacidade para se aperceberem de que também são mortais. Ora, é aqui que reside o problema.

O estabelecimento de uma relação causal entre o tipo personalidade e determinadas doenças não é de hoje. Os gregos acreditavam, por exemplo, na existência de «quatro humores», uma teoria que permaneceu popular até à Idade das Luzes. No século XIX, ainda se pensavam coisas tão absurdas quanto ser a tuberculose o resultado da existência de um espírito demasiado sensível, uma tese que viria a ser destruída, a 24 de Março de 1882, quando Robert Koch descobriu que, afinal, a doença era atribuível a uma bactéria, tratável através de um antibiótico, o qual funcionava independentemente da personalidade do doente.

A maior parte da Humanidade pode iludir-se quanto ao seu destino, mas as pessoas lúcidas sabem que aquilo que as espera é a morte. Esta pode ser encarada de muitas maneiras. Quem crê num deus ou na reincarnação tem a vida facilitada. Para uma ateia, como é o meu caso, a morte é o muro para lá do qual nada existe. Isto não significa que tenha de abdicar dos prazeres da vida. Do que não gosto é de ser obrigada a ser feliz em dia e a horas marcados. Na minha opinião, os filósofos gregos ocuparam-se da questão da felicidade de forma razoável. Segundo eles, existiriam

três factores na determinação de uma vida aprazível: o apoio dos amigos e da família (os «nossos»), o respeito conferido pelos contemporâneos (ligado aos conceitos da honra, *status* e valor) e o sentimento de amor misturado com a alegria (bastante diferente da natureza da paixão). Na época moderna, Schopenhauer deu-se ao trabalho de nos deixar alguns textos sobre assunto, recolhidos agora por Franco Volpi numa obra editada em França pela Seuil, *L'Art d'Être Heureux*. O leitor poderá encontrar aqui as cinquenta regras que lhe permitirão levar uma vida feliz. Asseguro-lhe que nenhuma está relacionada com a quadra natalícia.

Arranjar um passatempo não é fácil

15 de Janeiro de 2006

O primeiro diário que para este jornal escrevi, em 1990, abordava um tema estranho, a arte estomatológica. Sou forçada a retomá-lo, para explicar como cheguei à conclusão de carecer de um passatempo. Depois de ter narrado a um dentista os meus padecimentos — dores de cabeça — este anunciou-me sofrer de «bruxismo», como o revelava o facto de os meus dentes estarem todos cerrados à mesma altura, o que só sucedia a pessoas de tal forma tensas que nem a dormir se distendiam. A única coisa a fazer, disse-me, era passar a usar um aparelho à noite. Mas era lá possível resignar-me a dormir, qual «bruxa», com uma armação dentro da boca? A alternativa, declarou-me, consistia em adormecer, deixando de lado os problemas do dia, para o que me recomendava a adopção de um passatempo.

Passei em revista os que não exigissem demasiado esforço físico. Até que descobri um — observadora de pássaros — que tinha a vantagem de parecer chique. Em 1972, tivera como supervisor, em Oxford, um dos muitos observadores de pássaros que por lá abundam, o qual, entre as suas prelecções, me falava, com entusiasmo, das aves que vira em Port Meadows, o prado a dois passos da sua — e da minha — casa. Fiquei mais fascinada com estes relatos do que com Talcott Parsons.

Uma vez que a minha cave dá para um jardim, a observação nem sequer exigia deslocações. Tão-pouco eram necessárias despesas. Em tempos, o António trouxera, da Alemanha, um par de binóculos Zeiss (de Iena), que me emprestou. Comprei, em seguida, alguns livros. Comecei por fazer a lista dos pássaros — periquitos, papagaios e catatuas — que era capaz de identificar, tendo constatado que, infelizmente, nenhum era susceptível de aparecer num jardim da Lapa. Dos nacionais, apenas reconheceria um canário, sobretudo se metido numa gaiola.

Apesar disso, decidi avançar. No dia seguinte, postei-me na varanda sobre o jardim. Durante uma hora, não vi uma única ave. Estava quase a voltar para dentro, quando deparei com um pássaro preto, de bico amarelo. Era, pensei, um melro. Foi em latim, como um *Turdus merula*, que o registei no caderninho que a minha nora me oferecera pelo Natal. Após o que continuei de vigia, com o par de binóculos por perto. Mas nada aconteceu. Os dias seguintes não foram mais produtivos. Pelo meio, descobri não ser capaz de ajustar as lentes dos binóculos à minha miopia, pelo que, entre o momento em que descortinava um movimento e aquele em que os binóculos começavam a cumprir o seu dever, o pássaro — se de pássaro se tratava — desaparecera. No fim da semana, decidi ir até ao Jardim da Estrela. Inscrevi sete patos, três cisnes e dois pavões, após o que me sentei num banco, gozando os raios deste maravilhoso sol de Inverno. Ao fim de meia hora de paz — o bruxismo tinha de estar em vias de extinção — vi, junto aos meus pés, o que me pareceu ser um pardal, mas, não tendo a certeza, nada anotei. No alto, em formação triangular, voavam algumas andorinhas-que-não-fazem-a-Primavera. Não tendo conseguido assegurar-me de que tipo eram, muito menos se faziam parte das andorinhas dáuricas que, em boa hora, os CTT decidiram incluir nos selos, continuei a abster-me de anotações.

De volta a casa, de novo me sentei na varanda: nem um chilreio, um pio, um trinado. Por onde andavam os pássaros do meu país?